

Tratado do Não-Ser (ou Sobre Melisso, Xenófanos e Górgias)¹

Pseudo Aristóteles

Ele sustenta que nada existe realmente; que se alguma coisa existe, é algo que nos permanece desconhecido; e que, se alguma coisa existe, e que se possa conhecer em si, não podemos explicá-la aos outros.

Para aquela primeira asserção, ou seja, a de que nada existe, Górgias reúne as teorias enunciadas por outros filósofos, os quais, emitindo ideias contrárias à realidade, tal como ela nos aparece, se persuadiram, alguns, que só a unidade existe, e que a pluralidade não é possível; outros, ao contrário, que só a pluralidade é real, e não a unidade. Uns olham as coisas como incriadas, outros como criadas. Górgias combina ambas as opiniões para raciocinar como o faz: “É preciso, necessariamente, se houver alguma coisa, que essa coisa não seja nem uma nem várias; que as coisas não sejam nem incriadas nem criadas, pois que nada existe. Se alguma coisa houvesse, seria preciso que fosse uma ou outra”. Que não haja nem unidade nem pluralidade, e que as coisas não sejam nem criadas ou incriadas, ele procura demonstrar, seja como Melisso, seja como Zenão, após a primeira demonstração que lhe é própria, e na qual prova, à sua maneira, que nem o ser nem o não-ser não existem. Em seu entendimento, se é possível que o não-ser seja o não-ser, o não-ser não existe, tanto quanto o ser, pois esse não-ser é o não-ser,

¹ A tradução aqui apresentada refere-se apenas ao pensamento de Górgias. A primeira parte desse tratado, de autor desconhecido e já atribuído sem fundamentos a Aristóteles, se dedica ao pensamento de Melisso; uma segunda, a Xenófanos, e esta última, a Górgias. A mudança de autor comentado é feita apenas por um φησιν, “ele dizia”, ou “era sua opinião”.

assim como o ser é o ser, de tal modo que não se pode mais dizer das coisas que elas são, tanto quanto dizer que elas não são. “Mas, diz Górgias, se o não-ser é, então o ser não é mais seu oposto, pois se o não-ser é, é preciso que o ser não seja [na condição de não-ser]. Por consequência, nada existe; a menos que o ser e o não-ser não sejam uma só e mesma coisa, pois o não-ser não é, e também o ser não existe, pois é idêntico ao não-ser”.

Assim é o raciocínio textual de Górgias.

De modo algum resulta dos argumentos oferecidos por Górgias que nada exista. Pois eis como ele raciocina nas coisas que procura demonstrar. Se o não-ser existe, ou, para falar de maneira geral, se o nada existe, o ser é, igualmente, o não-ser. Mas não parece, em absoluto, que assim seja, nem que haja a menor necessidade de que o não-ser exista. O mesmo acontece quando, de duas coisas, uma existe, e a outra apenas parece existir; é preciso que uma seja verdadeira, e a outra, não. E ainda, do fato do não-ser não existir, não se segue que ambas as coisas, ou uma delas, devem ser ou não ser. Pois o não-ser, diz Górgias, não existiria tanto quanto o ser, se não ser fosse também alguma coisa. Ora, se o não-ser encontra-se em estado de não ser, então o não-ser não se apresenta, em absoluto, da maneira como o ser o faz, pois ele está em estado de não-ser, enquanto o ser realmente é.

Se fosse verdade que o não-ser existisse em estado absoluto, seria inteiramente espantoso dizer que o não-ser existe. Mas se, por acaso, assim fosse, como concluir alguma vez, a respeito das coisas, que elas existem ou que, ao invés, não existem? Pois parece que mesmo o contrário poderia ser igual e inteiramente real. Se o não-ser é, e do mesmo modo o ser, então tudo é; pois tudo o que é, e tudo o que não é, é indiferentemente, não sendo necessário, em absoluto,

que, se o não-ser exista, que o ser não seja. Mas seria extremamente difícil concordar que o não-ser é, e que o ser não-é, pois as coisas não deixariam menos de existir por isso, porquanto, a crer em suas palavras, as coisas que não são, são.

Mas se ser e não-ser são a mesma coisa, a partir daí não se pode mais dizer se alguma coisa é, ou se dizer que ela não é. Pois da mesma maneira que se Górgias afirma que o ser e o não-ser são a mesma coisa, o ser não é, tanto quanto o não-ser; segue-se que nada é, assim como também se pode afirmar, inversamente, que tudo é. Pois havendo o não-ser, tanto quanto o ser, conclui-se que tudo realmente existe.

Após tal raciocínio, outro ele faz. Se há alguma coisa, diz, ou essa coisa é incriada, ou criada. Se ela é incriada, é infinita, supõe Górgias, conforme os princípios de Melisso. Mas o infinito não está em parte alguma, já que não se encontra nem dentro de si mesmo nem de outra coisa. Então, haveria dois infinitos; aquele que está contido em outro, e aquele dentro do qual o outro está. Não estando em parte alguma, ele nada é, conforme os argumentos de Zenão a respeito do lugar dos seres. Por tais razões, Górgias conclui que o ser não é incriado.

Mas o ser não pode, além disso, ter sido criado. De fato, ele não pode ter saído do ser nem do não-ser. Pois se ele viesse a ser degradado por sua criação, não seria o ser, da mesma maneira que o não-ser não seria mais o não-ser desde que se tornasse alguma coisa. Por outro lado, o ser não pode provir do não-ser, pois se o não-ser não é, é impossível que o que quer que seja dela provenha. E se por acaso o não-ser existe, pelas mesmas razões que fazem com que o ser não possa provir do ser, ele também não pode vir do não-ser, que é.

Se, portanto, do momento em que é necessário que algo exista que ele seja incriado ou criado, sendo quaisquer das alternativas impossíveis, segue-se que é impossível que exista o que quer que seja.

Acrescei, diz ainda Górgias, que se algo existe, é preciso que seja um ou vários; ora, se ele não é nem um nem vários, resulta que nada existe. Esse algo não pode ser um, pois o Um deveria ser incorpóreo. Ora, o incorpóreo nada é, seguindo uma opinião que muito se aproxima daquela de Zenão. O ser, não sendo um, também não é múltiplo, e por mais fortes razões. Mas o ser, não sendo nem um nem múltiplo, não é em absoluto. Por consequência, diz ainda Górgias, nada existe. Com efeito, se ele não nem um nem múltiplo, não é o que quer que seja.

Além disso, ajunta ele, nada está em movimento; pois se o ser estivesse em movimento, não seria mais o que ele é. O ser não mais seria e o não-ser tornar-se-ia alguma coisa. Mais ainda, na medida em que o ser se movesse, e cessasse de ser contínuo ao se deslocar, ele não mais seria. Por consequência, se ele se movesse em todas as suas partes, seria divisível em todas elas; se assim ocorre, ele não é em absoluto. A esse respeito, diz Górgias, o ser é defeituoso, na medida em que é dividido, falando de divisão em lugar de vazio, como o faz Leucipo, no que se chama *Discursos*.

Se, portanto, nada existe, e Górgias acredita ter dado demonstrações, então tudo escapa ao nosso conhecimento. Existe apenas aquilo que pensamos. Quanto ao não-ser, já que nada é, não pode sequer ser pensado. Assim sendo, é impossível que haja algo de falso; e não seria um erro dizer, por exemplo, que “os carros rodam sobre as ondas do mar”, pois tudo isso é tão verdadeiro quanto o contrário. Mas como existem as coisas que vemos e ouvimos?

Apenas por que nelas pensamos? Ora, se não é essa a razão que faz com que elas sejam, e se as coisas que vemos não existem mais por tal motivo, as coisas que nós vemos existem com mais realidade do que aquelas que nós pensamos? Com efeito, da mesma maneira que, de um lado, muitos homens veem essas coisas, de outro, muitos homens podem nelas pensar. As coisas pensadas são, portanto, como as coisas reais. Mas não se sabe quais delas são verdadeiras. Por consequência, *se algo existe, é impossível que as coisas nos sejam conhecidas.*

E mesmo admitindo que elas nos sejam conhecidas, diz Górgias, poderíamos transmitir a outros sua explicação? Aquilo que nós vimos, por nós mesmos, como fazê-lo conhecido a outro por meio da palavra? E como, só por ter ouvido sobre uma coisa, poderíamos compreendê-la claramente, quando não a vimos? Assim como a visão não percebe os sons, do mesmo modo a audição não percebe as cores. Aquele que fala, fala palavras, não fala cores nem qualquer outra coisa. Uma coisa não pensada por si mesmo, como se pode pedi-la pela palavra de outrem? Por acaso, existe algum outro signo que vos dê o pensamento da coisa se não for a cor, quando vista, e o som, quando ouvido? Segundo Górgias, aqui o princípio não é nem a cor nem o som, mas simplesmente a palavra. Não se pensa uma cor, ela é vista; não se pensa um som, ele é ouvido.

Caso se queira, suponhamos que isso seja possível (pela palavra), e que aquele que fala conheça a coisa e, havendo necessidade, possa reconhecê-la. Como aquele que ouve a palavra estará seguro de pensar a mesma coisa? Pois não é possível que a mesma coisa esteja, ao mesmo tempo, em vários seres e em seres separados, pois um objeto único seria múltiplo. E se a coisa estivesse em vários pensamentos ao mesmo tempo, diz Górgias, e fosse a

mesma, nada impede que ela não fosse idêntica para todas aquelas pessoas, assim como elas não são idênticas nem se encontram na mesma disposição. O mesmo indivíduo não possui sensações semelhantes no tempo; seu ouvido e sua vista lhe dão sensações diversas, e aquelas que tem agora são diferentes das anteriores. É coisa vã, por conseguinte, que outrem poderia ter percepções iguais à vossa sobre o que quer que seja.

Assim, nada se pode conhecer, admitindo-se que haja alguma coisa. Acima de tudo, jamais se pode fazer conhecer a outro o que se conhece por si mesmo, pois as coisas não são palavras e ninguém pode pensar a mesma coisa que outra pessoa.